

Assim como o Big Bang é o modelo aceito pela cosmologia moderna para descrever o surgimento e a evolução do Universo, o Édipo originário, na proposta de Claude Le Guen, seria o momento inaugural do humano. Modelo das origens que contém o princípio de todas as origens necessárias: as do sujeito e do objeto, as do ego e do super-ego, as das fantasias originárias (de castração e cena primitiva), as do desejo e do interdito, do símbolo e do recalque... Este é o tema básico do livro *L'Oedipe Originnaire*, que teve sua primeira edição publicada pela editora Payot em 1974.

Preocupado com a presença de certas contradições na teoria freudiana que atrapalham a coerência do seu conjunto, e insatisfeito com a explicação filogenética do complexo de Édipo, a idéia do "assassinato do pai primitivo" transmitida hereditariamente, Le Guen tenta elaborar novos modelos conceituais, procurando se ater tão somente ao campo próprio da psicanálise.

Dessa forma, orientado por esse pressuposto método-lógico fundamental, vai procurar reconhecer o complexo de Édipo nos fatos psíquicos "de que dispomos", e, sobretudo, reconhecer a sua origem "ali mesmo onde o sujeito se constitui, isto é, desde o instante em que o eu se diferencia". Desta forma, transfere o fato original da pré-história da humanidade para a pré-história individual.

O Édipo das origens

Resenha de Claude Le Guen, El Edipo Originario, Buenos Aires, Amorrortu, 1976, 210 p.

Seu ponto de partida é uma observação mencionada por Freud já em *Três ensaios para uma teoria sexual* (1905), e que foi posteriormente retomada em *Introdução à psicanálise* (1917) e aprofundada em *Inibição, sintoma e angústia* (1926).¹ Trata-se de um fato trivial, corrente no segundo semestre da vida de um bebê: a angústia provocada pela presença de uma pessoa estranha no lugar da mãe. O autor assinala que a ausência da mãe, em si, não provoca manifestação alguma por parte da criança. É a percepção da não identidade do estranho com a mãe, vindo a significar a perda desta, que desencadeia a angústia. Pura negatividade, afirmação de uma ausência tanto quanto negação de uma presença; a esse estranho Le Guen chama o não-mãe (ênfatizando o valor neutro e não determinativo do artigo).

O não-mãe é o outro, o alheio ao meio familiar, aquele que representa a ausência da mãe. Essa é a sua função, e aí presenciamos a manifestação precoce de um processo simbólico. A angústia que ele desencadeia no bebê, por sua vez, revela o primeiro despertar de um eu e, ao mesmo tempo, a constituição de um objeto. É a mãe o objeto que acaba de ser constituído e que a partir de agora pode ser perdido. Implícito nesse duplo reconhecimento - de si, enquanto sujeito, e do objeto - o não-mãe resulta consubstancial com a mãe. Temos aí a expressão do modelo do complexo de Édipo originário, modelo de uma triangulação que estruturará todo o futuro do sujeito.

Vindo significar a ausência da mãe, o não-mãe aparece, simultaneamente, como representante dessa perda e como aquele que a provoca, implicando assim uma proibição, modelo de todas as proibições futuras.

Do mesmo modo, o desejo da presença da mãe, despertado por sua ausência, implica a aniquilação do não-mãe, o que vem a prefigurar o desejo de morte do pai.

Sabemos que o retorno da mãe faz cessar o perigo, aplacando a angústia, porém ele instaura uma ameaça: a mãe pode ser perdida e seus sucessivos retornos suscitam e reforçam essa ameaça. Neste momento, é a mãe que a criança tem medo

de perder; mais tarde, será o pênis. Daí o autor falar em complexo de castração e nas equivalência da mãe com o pênis e do não-mãe com o pai.

Difícil tarefa essa de tentar expor de maneira abreviada as múltiplas configurações do Édipo originário que constituem fatos intrincados uns com os outros, fatos que se encadeiam numa dependência lógica recíproca, evidenciando o questionamento dialético que Le Guen pretende realizar dentro da psicanálise. Mas vamos adiante nessa tentativa.

Tendo estabelecido nos primeiros capítulos de seu livro os pontos básicos de suas concepções, Le Guen se preocupa em conhecer o sentido do complexo de Édipo originário, na dupla acepção do termo - direção e significação. E para tentar provar a validade de seu modelo apoia-se em dois momentos fundamentais, os chamados complexos nodais, procurando demonstrar a sua continuidade com o medo do estranho.²

Um desses "nós" é o momento em que se desenvolve o famoso "jogo do carretel", que consiste no lançamento de um objeto, seguido do seu retorno. Esses dois tempos, para o autor, não estão ligados entre si, ao contrário, são completamente independentes, e seu interesse estará voltado para o primeiro deles.

Ao lançar um objeto para longe, a criança procura reproduzir a partida da mãe que a impressionou. Podemos identificar aí uma cena de três personagens: a criança que joga, a mãe representada pelo carretel e o não-mãe, representado pela criança que faz com que a mãe se ausente. Neste processo a

criança procura dominar a mãe, manipulando-a, mas também, e sobretudo, procura dominar o não-mãe, identificando-se com ele (identificação com o agressor). Para que isso aconteça, o não-mãe deve estar já investido como objeto, isto é, deve ter assumido uma existência positiva como pai. Esta situação testemunha que o complexo de Édipo da criança se completou invertendo-se em relação ao esquema inicial e aproximando-se ao Édipo acabado (o Édipo secundário): a mãe é aquela a quem a criança rechaça, e o pai aquele a quem toma para si.

Só para completar seu pensamento, mencionemos que o segundo tempo desse jogo, o do retorno do objeto (carretel), é considerado uma cena de apenas dois personagens - a criança e o representante da mãe -, numa ilusão de reencontro que remete a algo mais arcaico, regressivo, menos estruturado.

Outro momento nodal a ser considerado é o da descoberta da diferença anatômica entre os sexos, aquele que, para Freud, marca a verdadeira entrada no Édipo. Aqui, Le Guen vai tentar validar seu fio condutor, assinando que a cena do descobrimento da diferença sexual é uma reduplicação do medo do estranho, uma revelação "brutal" promovida pela irrupção de um estranho - o sexo do outro - que mobiliza angústia.

A revelação do pênis consiste num marco decisivo para a separação dos destinos da menina e do menino, até então semelhantes em tudo. A partir des-

se momento, tudo vai girar em torno do pênis, embora Le Guen observe que essa assunção fálica é um processo secundário e defensivo, que protege a criança contra o temor da perda da mãe, verdadeiro sentido da ameaça atribuída ao pai.

O recentramento da mãe, o predomínio da onipotência materna, a importância atribuída aos seios como primeira referência da diferença entre homens e mulheres, o deslocamento simbólico do peito ao pênis, as equações de equivalência mãe/pênis, pênis/peito, pênis/criança operam uma relativização do lugar do falo na teoria psicanalítica e aqui encontramos uma das principais contribuições de Le Guen, que lhe permitirá repensar questões relativas à sexualidade feminina, de um modo criativo, em trabalhos posteriores.

Outra contribuição, igualmente interessante, consiste no uso ampliado que faz das noções de *apoio* e *a posteriori*, consideradas como um par dialético fundamental, a fim de explicar a dinâmica de um processo psíquico que se dá em dois tempos. Ou seja, o Édipo originário prefigura o que vem depois, mas ele mesmo só adquire pleno sentido com a instauração do Édipo secundário. Este reatualiza aquele, reorganizando as imagens, significando o sujeito e estruturando seu destino.

Mas não se trata de uma elaboração significativa em dois tempos tal como "o efeito de sen-

tido na frase (...) [que] exige, para se concluir, sua última palavra" (Lacan). Le Guen recorre igualmente a essa imagem lingüística porém, para lembrar que "quaisquer que sejam a última palavra e a forma em que se manifeste o acontecimento significativo, a revelação será a mesma, e é precisamente isso que assegura a constância e universalidade do complexo de Édipo e de seu constituinte, o complexo de castração."

Para ele, o Édipo é eterno e universal porque é a origem, considerada em seu valor estruturante mais do que como momento histórico. "O homem não pode existir - não pode 'acessar à consciência' - senão situando-se em uma estrutura triangular conflitiva e constituindo-se segundo ela. Tudo que possa construir depois, em si e fora de si, terá que se adaptar a esse modelo." E é por isso que encontraremos o modelo do Édipo na cura analítica.

Em poucas palavras, podemos dizer que o paciente que procura um tratamento demanda uma presença que cuide dele, que o tranquilize e o console. Alguém que exerça a função materna. O analista, no entanto, se lhe apresenta como um mero suporte de fantasias, uma figura paterna, frustrante: "é a não-mãe que adquire sentido ao significar a ausência da mãe". E é na diferença entre a "transferência materna" proposta pelo paciente e a "transferência paterna" imposta pelo analista, que se produzem a interpretação e a possibilidade de mudança.

Para concluir: Le Guen não pretende esgotar a problemática do complexo de Édipo muito

menos elaborar um novo sistema teórico. Reexamina alguns dados através do enfoque fornecido por seu modelo originário, assim como também discute as elaborações teóricas desenvolvidas por alguns autores, como Melanie Klein e Lacan, no que se referem à questão das origens. Alguns dos temas tratados neste livro serão retomados e aprofundados anos mais tarde,³ no entanto algumas questões permaneceram em aberto. E a pulsão? O que precede o momento inaugural do eu?

E mais esta: por que essas suas contribuições, publicadas há mais de 20 anos, até onde pode constatar, tiveram tão pouca repercussão no meio psicanalítico?

NOTAS

1. "Nosso ponto de partida será novamente a única situação que acreditamos compreender - a situação da criança quando se lhe apresenta um estranho ao invés de sua mãe. A primeira exibirá a ansiedade que atribuímos ao perigo de perda de objeto. Mas sua ansiedade é indubitavelmente mais complicada do que isto e merece um exame mais completo." (S. Freud, "Inibição, sintoma e ansiedade", in *Obras Psicológicas completas*, vol. XX, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 194)
2. Apesar de discordar do uso desta terminologia, uma vez que o afeto envolvido na situação referida é a angústia e não o medo, Le Guen a mantém, já que foi ela que prevaleceu no discurso psicanalítico.
3. *A Dialética Freudiana I: Prática do Método Psicanalítico*, Escuta, São Paulo, 1991.

Bela M. Sister é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, colaboradora do Programa Psicologia da Fiesp e co-autora do livro *Isaías Melsohn - A psicanálise e a vida*, Escuta, São Paulo, 1996